



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

**Wallace J. do Nascimento**

**POR QUE NEGROS ESTUDAM? UMA ANÁLISE QUALITATIVA SOBRE O IMPACTO DA ARTE EDUCAÇÃO  
NA INCURSÃO DO EPISTEMICÍDIO NA EDUCAÇÃO BÁSICA, AOS OLHOS DE UMA CRIANÇA**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Célia Arribas

Juiz de Fora  
2025

## DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, Wallace José do Nascimento, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202272055A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **POR QUE NEGROS ESTUDAM? UMA ANÁLISE QUALITATIVA SOBRE O IMPACTO DA ARTE EDUCAÇÃO NA INCURSÃO DO EPISTEMICÍDIO NA EDUCAÇÃO BÁSICA, AOS OLHOS DE UMA CRIANÇA**, desenvolvido durante o período de abril a agosto de 2025 sob a orientação de Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Célia Arribas, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 15 de Agosto de 2025.

**WALLACE J. NASCIMENTO**

# POR QUE NEGROS ESTUDAM? UMA ANÁLISE QUALITATIVA SOBRE O IMPACTO DA ARTE EDUCAÇÃO NA INCURSÃO DO EPISTEMICÍDIO NA EDUCAÇÃO BÁSICA, AOS OLHOS DE UMA CRIANÇA

Wallace J. Nascimento<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente trabalho analisa o epistemicídio racial na educação básica brasileira e propõe a arte-educação, especialmente o Hip Hop, como instrumento de resistência e letramento racial. A partir de uma abordagem autobiográfica, mostra como a linguagem da rua e da cultura marginal cumpre o papel formativo diante do fracasso institucional. O Hip Hop é entendido como ferramenta de emancipação ideológica e de construção de identidade, revelando que, para sujeitos negros, estudar é um ato de sobrevivência e resgate. A análise associa arte e crítica social, defendendo uma pedagogia que fale a linguagem das crianças e devolva sentido de pertencimento, autonomia e revolução coletiva.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arte-educação, Arte-linguagem Epistemicídio, Letramento Racial, HIP-HOP, Luta de Classes.

## INTRODUÇÃO

Neste estudo pretendo analisar o epistemicídio (CARNEIRO, 2005) como projeto de dominação de um capitalismo racial que atua sobre a educação básica, deslegitimando saberes negros e produzindo uma indigência cultural. Compreender esse processo é compreender que o racismo não é apenas um marcador social, mas parte estrutural do sistema capitalista, que necessita criar em torno de si uma realidade ficcional, sustentada pela exclusão do outro enquanto não-ser.

Diante disso, a arte-linguagem surge como ferramenta insurgente de resgate. O Hip Hop, enquanto contracultura, cumpre o papel de reorganizar a revolta e transformar a exclusão em ação revolucionária a partir da formação crítica e letramento racial.

Enquanto as instituições falham e reforçam o apagamento cultural, a rua e a arte assumem o papel de formação, bem como o Hip Hop, em seus elementos artísticos e políticos, cumpre a função de contraposição ideológica ao projeto capitalista, articulando a luta antirracista como parte indissociável da luta de classes.

É a partir dos “Olhos de uma criança” que o trabalho se constrói, revelando como a rua deu conta quando as instituições falharam, trazendo destaque para a importância da vivência e da sensibilidade no processo de autodefinição (COLLINS, 1990).

Assim, o trabalho parte de uma perspectiva sensível e potente: o “olhar de uma criança”. Esse olhar não é ingênuo, mas radicalmente revelador, pois desvela as falhas das instituições formais e o abandono vivido por sujeitos negros desde a infância. A partir dessa vivência, busco construir uma análise que reconhece o Hip Hop não apenas como manifestação artística, mas como dispositivo pedagógico insurgente, que ocupa o lugar deixado pelo epistemicídio escolar. É pela escuta da rua, pela linguagem da batida e da rima, que esse olhar infantil aprende a ler o mundo e a si mesmo. Ao resgatar esse ponto de vista, este trabalho evidencia que a educação não acontece apenas dentro das salas de aula, mas nas esquinas, nas batalhas, nos grafites e nos bailes — onde

---

<sup>1</sup> Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Célia da Graça Arribas.

a infância negra e periférica, muitas vezes silenciada, encontra ferramentas para reivindicar identidade, construir resistência e transformar exclusão em consciência crítica. Trata-se, portanto, de um gesto político e afetivo de devolver à criança negra sua voz, sua visão e sua centralidade no processo de reinvenção do mundo.

Por isso, a prática de novas linguagens pedagógicas aponta para a necessidade de olhar a fundo os olhos das nossas crianças e ensiná-las a ler a cidade e o mundo, afinal o Hip Hop surge como didata a partir da linguagem que a rua e o povo conseguem ler, devolvendo autoestima, identidade e sentido de pertencimento. Por isso, estudar, para pessoas negras, não é apenas um ato individual, mas um gesto de sobrevivência e transformação coletiva diante do genocídio cultural (NASCIMENTO, 1978).

## A LUTA ANTI-RACISTA FRENTE À LUTA PELA EMANCIPAÇÃO IDEOLÓGICA BURGUESA

**“Até aqui, tudo foi por nós  
É nós, é nós”**  
(DJONGA. Nós. In: Ladrão, 2019)

*Não há capitalismo sem racismo* (MALCOLM X). Ao falarmos sobre *incursão* dizemos a respeito de uma investida contrária, minuciosa, com intenção de interceptação. A expressão também usada em contextos de guerrilha traduz a força da ferramenta de embate prático gerada a partir de um ponto de convergência e a geração de novos sentidos.

“A classe que detém os meios materiais de produção controla também, como consequência, os meios de produção intelectual”, já diziam Marx e Engel (1846). A teoria marxista enuncia a necessidade de que, enquanto povo oprimido, devemos além de interseccionar nossa narrativa, devemos pressurosamente internacionalizar “a luta emancipatória rumo à missão histórico-universal da classe operária: transformar revolucionariamente o regime capitalista de exploração, liquidar o poder estatal burguês e construir o poder dos trabalhadores no socialismo” (A VERDADE, 2025).

Ponderando em primeira instância que a luta contra as violências de gênero, violências de raças, as violências xenófobas e seus consequentes embates são na prática a luta de classes, vista a íntima necessidade do sistema capitalista de se manter. É imprescindível para a luta de classes a busca por um viés ideológico que providencie a extinção de qualquer forma de superioridade e exploração. Isto é, também dizer sobre a luta antirracista e interseccionalista, excepcionalmente na elaboração de um sentido *nós* marcado por raça e classe.

Donna Haraway (1995) teoriza a respeito dos saberes sob uma ótica do feminismo, o que possibilita enxergar com bastante clareza as reminiscências do sistema capitalista num corpo socialmente demarcado e limitado, germe dos problemas sociais circunscritos nas figuras da misoginia e do racismo.

Ao falar sobre o *nós*, chama atenção para as “tecnologias semióticas”, uma forma de dar cabo para a construção de novos sentidos, um compromisso a sério com explicações fiéis de um mundo “real”, do ponto de vista da construção de conhecimento; “um mundo que possa ser parcialmente compartilhado e amistoso em relação a projetos terrestres de liberdade finita, abundância material adequada, sofrimento reduzido e felicidade limitada” (HARAWAY, 1995, p.15-16). No trabalho, a autora vai se dedicar a explicar o projeto de construção do conhecimento, o qual passa a ser estritamente capitalizado por um saber limitado, pouco elástico. Haraway vai colocar como um “campo militar de alta tecnologia”, um campo de batalha acadêmico, ou melhor posto: um jogo de conhecimento e poder. Aqui, pautando sobre o projeto de não circulação do conhecimento como uma estrutura

em atraso, dada a medida com que o conhecimento é construído socialmente e mediado por interesses. Desse modo, influenciando também no corpo e na linguagem.

Esta é uma visão aterrorizante da relação entre o corpo e a linguagem para aqueles de *nós* que ainda gostariam de falar a respeito da realidade com mais confiança (...). Gostaríamos de pensar que nossos apelos a mundos reais são mais do que uma desesperada tentativa de escapar ao cinismo ou um ato de fé como o de qualquer outro culto, não importa quanto espaço generosamente concedemos a todas as ricas e sempre historicamente específicas mediações através das quais nós e todos os outros devemos conhecer o mundo. (HARAWAY, 1995, P. 25)

Vejamos, ao elaborar o que vem a ser *poder*, devemos ter como pano de fundo o poder ideológico burguês, que por sua vez precisa fundamentalmente criar ao redor de si uma realidade ficcional, sobretudo criando o imaginário da norma, do anormal ou do desviante. Sueli Carneiro vai ditar esse projeto como “*A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*”. Assim, para existir uma universalidade do poder ideológico burguês, é necessário que este “*nós*” exista sumariamente como um “*não-ser*.”

“A história de toda humanidade é a história da luta de classes”, diziam Marx e Engels no Manifesto Comunista de 1848, tendo como marcador histórico o racismo como provedor do desenvolvimento do sistema capitalista a partir do processo que Marx chama de Acumulação Primitiva. Em função disso, os mais de quinhentos anos de exploração do continente Africano comprovam o racismo como projeto de dominação capitalista.

O Epistemicídio salta como uma forma de deslegitimar todo construto intelectual produzido pelos povos oprimidos, dessa maneira providenciando uma eclosão dos saberes Africanos e Afro Diaspóricos. Na prática, “o epistemicídio tenta executar os saberes intelectuais não brancos, pela deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento” (CARNEIRO, 2005, p. 97-106). Dessa maneira, como projeto de desvinculação intelectual, tenta tornar o negro o sujeito não intelectual, como explica Sueli Carneiro, pioneira do termo:

O epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo (CARNEIRO, 2005, p. 97).

Contudo, não podemos encarar toda a história da exploração como anos de submissão sem revoltas, já nos alertaram Angela Davis e Lélia Gonzalez. Esta é justamente uma das formas com as quais o epistemicídio se dá, apagando a história por trás da história que nos foi contada, isto é, os povos arrancados de suas terras de modo algum serão lembrados como omissos.

Quem faz o papel de contar esta história é a linguagem, sobretudo aqui: a Arte-Linguagem. Seja ela na forma tradicionalista escrita, seja ela contada pela via política urbana, ou seja, pelo Hip Hop. O Movimento político-cultural que tem início nos anos 1970, no Bronx, em Nova Iorque, nos Estados Unidos, onde inúmeros trabalhadores se veem frente a uma modernização dos meios de produção, quando a mão de obra humana passa a ser substituída

pelas máquinas, a expansão territorial da cidade se torna mais importante do que a vida humana ali e os trabalhadores são empurrados para as periferias.

O contexto de subemprego, descaso no acesso à educação e más condições de infraestrutura intensificam as brigas e os conflitos armados do Bronx. No mesmo contexto, os jovens daquela região buscavam no lazer uma alternativa. Organizavam festas com muita música e dança nas ruas do bairro.

A decisão de trocar os conflitos armados por batalhas artísticas emerge como a dissolução daquele cenário de guerra, reorganizando então a revolta daquelas pessoas. Historicamente o Movimento Hip Hop se deu como questionador, de forma que naquele contexto a dança robótica, o toca-discos, o mestre de cerimônia e a pintura nos muros e nos trens foram as máquinas de resistência que mantinham os corpos desses jovens pretos vivos e denunciava as condições de vida daquelas pessoas.

Nesse sentido, surgia ali o maior movimento de contracultura urbana no capitalismo moderno formado pelos Quatro Elementos: o Break Dance, o Grafite, o DJ (Instrumentalista) e o MC (Mestre de Cerimônia). Onde o DJ somado ao MC formam o RAP (ritmo e poesia). A revolta é tamanha que se constrói uma maneira única de vestir, falar e agir no mundo, transformando a revolta dessas pessoas em ação revolucionária.

Felizmente, hoje já é possível decupar as minúcias do impacto da Cultura Hip Hop para além de rasas e zoológicas análises sobre a cultura. O Hip Hop, hoje, já tido como uma cultura internacional, vai mais além de uma organização reflexiva somente. Hoje a Cultura Hip Hop exerce um papel vital na formação de milhares de jovens, tendo o potencial de mudar efetivamente a vida dos indivíduos que são encontrados no caminho, especialmente, a minha vida, um corpo marcado por raça e classe.

Explicar o processo histórico do racismo como projeto capitalista é dizer sobre o projeto histórico de apagamento do conhecimento: o epistemicídio. Dessa maneira, se constrói o embate de que a luta antirracista precisa, por essência, ser uma luta anticapitalista emancipatória, logo internacionalista. A história do Movimento Hip Hop comprova o poder questionador do projeto ideológico burguês nas diásporas como projeto internacionalista e a retomada do assalto ao conhecimento.

## **LETRAMENTO RACIAL VIA ARTE LINGUAGEM: A ARTILHARIA DE RESGATE CONTRA A FERRAMENTA POLÍTICA DE CONTROLE IDEOLÓGICO**

Historicamente o Movimento Hip Hop, se deu como instrumento de contracultura e questionador do poder ideológico burguês, vide a sua força de rompimento dos tecidos sociais e sua capacidade iminente de gerar figuras revolucionárias. Monge73 (2023) faz uma ligação entre o contexto de edificação do Movimento Hip Hop no Bronx análogo ao partido revolucionário dos Panteras Negras, onde corrobora para a força de embate político e ideológico da cultura.

A cultura Hip Hop não surge com uma finalidade definida, é fruto do contexto social, econômico, racial, cultural e político das décadas de 60 e 70 nos Estados Unidos. Sendo assim, carrega todas essas marcas nas artes que produz, e por isso vemos uma postura muito inspirada nos Panteras Negras em tudo que o Hip Hop cria. Como modo de vida de um povo em um tempo determinado, o Hip Hop não tem um estatuto que define o que se pode ou não falar, fazer, produzir, mas toda sua história e origens cria um movimento

cultural popular com forte influência dos movimentos de luta de classe, raça, gênero e trabalhador. (MONGE73, A VERDADE, 29 de Junho de 2023)

O nascimento do Movimento se deu na coletivização de seus elementos. Nascermos para sermos questionadores. O Quinto Elemento, o Conhecimento, salta como a junção dos demais. A reivindicação do elemento Conhecimento, é um marcador histórico do Movimento Hip Hop no Brasil de maneira a resgatar o conhecimento roubado.

*“1903*

*A primeira vez que um homem branco observou um homem negro  
Não como um animal agressivo ou força braçal desprovida de  
inteligência*

*Desta vez, percebe-se o talento, a criatividade, a música*

*O mundo branco nunca havia sentido algo como o blues*

*Um negro, um violão e um canivete*

*Nasce na luta pela vida, nasce forte, nasce pungente*

*Pela real necessidade de existir*

*O que é ser Bluesman?*

*É ser o inverso do que os outros pensam*

*É ser contracorrente*

*Ser a própria força, a sua própria raiz*

*É saber que nunca fomos uma reprodução automática*

*Da imagem submissa que foi criada por eles*

*Foda-se a imagem que vocês criaram*

*Não sou legível, não sou entendível*

*Sou meu próprio Deus, meu próprio santo, meu próprio poeta*

*Me olhe como uma tela preta, de um único pintor*

*Só eu posso fazer minha arte*

*Só eu posso me descrever*

*Vocês não têm esse direito*

*Não sou obrigado a ser o que vocês esperam*

*Somos muito mais*

*Se você não se enquadra ao que esperam*

*Você é um Bluesman”*

(BACO EXU DO BLUES. BB King, 2018)

A chegada do Movimento Hip Hop no Brasil por meados dos anos 1980 é marcada pelo ritmo no corpo e também pela linguagem. A autonomia, o talento e a criatividade na criação das coreografias, das rimas e das batidas, principalmente, influenciadas pela cultura Afro-diaspórica como Soul, Blues, Jazz Funk, Reggae e Samba fizeram com que o Movimento naquela época logo fosse abraçado em todo o país, sobretudo nas periferias e nos centros urbanos.

Contudo, valem do destaque para o poder de denúncia e a capacidade de botar o dedo na ferida que o Movimento traz como fundamento. Ele resgata milhares de pessoas, sobretudo jovens, justamente nos espaços onde o institucionalismo falha. Ele então educa. Constrói o pensamento crítico oferecendo alternativa às instituições de controle ideológico através da educação da Arte-linguagem, ou seja, letramento racial.

A Cultura Hip Hop emerge aqui nas periferias do capital num cenário de completo assalto de direitos e acirramento da luta de classes e por sua consequência o agravamento do racismo. No mesmo período, o pensamento social brasileiro está na fase pioneira do pensamento do Negro Brasileiro. A construção econômica do país teve principalmente como base a escravização de pessoas negras e indígenas e, já no século XX, era possível perceber que enquanto projeto político do Imperialismo Burguês, o acesso à terra, comida de qualidade, trabalho e, especialmente neste contexto, o acesso à Educação era mantido longe do alcance das mãos de pessoas negras.

Abdias do Nascimento, pioneiro ao pensar *Genocídio Cultural*, defende o letramento racial enquanto ferramenta de embate ideológico ao sistema operante. Situando a farsa histórica da democracia racial:

Devemos compreender democracia racial como significando a metáfora perfeita para designar o racismo estilo brasileiro: não tão óbvio como o racismo dos Estados Unidos e nem legalizado qual o apartheid da África do Sul, mas eficazmente institucionalizado nos níveis oficiais de governo assim como difuso no tecido social, psicológico, econômico, político e cultural da sociedade do país. (NASCIMENTO, 1978, p.41 e 92.)

A educação especialmente absorve o problema da falsa democracia racial, demandando a necessidade de uma transformação em sua estrutura como explica Kabengele Munanga no texto “Educação e diversidade cultural” (2010):

A luta contra o genocídio cultural não se limita à denúncia de sua existência, mas exige ações concretas no campo da educação, da cultura e da política, capazes de resgatar a memória, valorizar as tradições afro-brasileiras e garantir às novas gerações negras os instrumentos necessários para reconstruir sua identidade e sua autoestima. É nesse movimento que reside a possibilidade de resistência e de reexistência. (MANUNGA, 2010, p. 21)

Evidenciando uma grave problemática entre a assimilação da cultura não branca e o projeto de não letramento das pessoas e culturas Afro-Brasileiras, de fato, quando se escancara este problema, nos vemos frente a um beco sem saídas. Até que surge uma alternativa. Vejamos.

## **ARTE-LINGUAGEM: QUANDO AS INSTITUIÇÕES FALHAM A RUA DÁ CONTA**

Em uma sociedade capitalizada, a compreensão de que o Hip Hop exerce luta de classes é elementar. De forma que a contraposição ideológica causada pela arte linguística marginal constrói ferramentas de embate prático contra a institucionalização do racismo através do poder ideológico.

A história contemporânea revela uma relação de codependência entre a manutenção do capitalismo através do racismo e do racismo através do capitalismo. Deste modo, a incursão do epistemicídio através da prática da Arte linguagem do Hip Hop comprova que a luta anticapitalista deve, portanto, ser uma luta antirracista, partindo da contraposição ideológica da luta de classes.

Exemplo disso, a música “Aos olhos de uma criança” (EMICIDA, 2013) traz de um modo sensível e material a realidade da relação de um menino com o mundo. “*Calçada, barracos, gente, carro, vento, arma, roupa*”, onde “*A voz ecoa sós mas ninguém responde,*” de modo que o poeta narra uma dor tão íntima quanto um brinquedo. De

tal forma, que a esperança já se perdeu do lado de fora, mas é possível observar o mundo da janela dos olhos dessa criança: “*Não é que esse mundo é grande mesmo?!*”

Emicida faz questão de conduzir nossos olhares para as lentes de uma criança, trazendo a vulnerabilidade de um menino diante do tamanho do mundo: “*Miséria soa como pilhéria, Pra quem tem a barriga cheia, piada séria*”, exprimindo o desenho da realidade de muitas crianças que sofrem a herança de processo sócio-histórico de adoecimento de uma sociedade capitalista racial, que se traduz em muitos campos, essencialmente no que diz respeito ao psíquico desta criança e à construção da autoimagem. Emicida, através da Arte-Linguagem, devolve ao mundo a dura realidade de uma criança em adoecimento psíquico, mas que ainda se faz forte e desafia os limites de uma criança que sonha em conquistar o mundo.

O conhecimento é situado (Collins, 1990). Portanto, as experiências vividas transformam as perspectivas e a autoridade do indivíduo falante. Assim, o significado da autovalorização e do respeito próprio tem por essência a capacidade transformadora de ler e agir no mundo, onde o papel central da autovalorização se dá como potência revolucionária na incursão das opressões interseccionais. O que dá sentido ao encontro deste menino trazido por essa poesia junto ao segundo objeto deste artigo: o meu menino.

Ao persistir na busca por autodefinição, nós nos transformamos como indivíduos. Nossas lutas individuais, quando interligadas a ações em grupo, ganham novo significado. Dado que nossas ações como indivíduos fazem com que deixemos de simplesmente existir no mundo e passemos a ter algum controle sobre ele. Elas nos permitem ver a vida cotidiana como um processo e, portanto, como algo passível de mudança. (COLLINS, 1990, p.112)

Aos olhos de uma criança, tento de alguma maneira decodificar minúcias de como se deu meu processo formativo educacional, bem como pôr à vista o momento em que a cultura fez o papel de resgate ainda dentro da escola.

É difícil lembrar quando exatamente cada coisa aconteceu. Elas meio que se sobrepõem na memória. Mas o que sempre me acompanhou, em todos esses espaços, foi o peso da diferença. Foi a rua que me ensinou a me ver. Que me formou onde a escola não conseguiu, onde a igreja não me reconheceu, onde a sociedade me descartou. A cada virada da vida: na troca de turno, na saída da escola, no âmbito religioso, após as agressões, no silêncio que as instituições impuseram, a rua falou alto. Gritou. E me resgatou. Porque quando as instituições falharam, a rua deu conta.

A cultura Hip Hop me devolveu ao mundo no momento em que colocou uma caneta nas minhas mãos, ainda menino, contornou meus traços, colocou cor de volta às minhas ideias.

Confesso uma grande dificuldade em organizar, relatar e cientificar tais vivências. Foram dias e mais dias ruminando sensações de muitas cadências, algumas vezes feliz pelo processo, outras vezes aflito pela pressão colocada na entrega deste trabalho. Depois de um longo processo de autoflagelação, pude perceber como essas duas coisas estão intimamente ligadas: as aflições daquele menino vieram à tona. Contudo agora temos novas histórias para contar para ele.

Hoje eu sei que os estudos são bem mais do que só uma passagem de tempo ou uma miragem. Estudar para mim foi meu bote salva vidas, uma chance a mais. Eu só precisava ser visto, só precisava ser olhado. Foram longos e longos anos acreditando que minhas habilidades e feições em olhar o mundo com novas lentes eram apenas abstrações. Em contrapartida, de alguma maneira eu também sabia que meus olhos seriam o instrumento de mudança para aquele menino.

Eu nunca tinha sido olhado, a construção da minha própria imagem era distorcida, assim como Benilda Brito (2013) transcreve sobre a educação básica, na obra em que ela comenta: *que Bullying tem a capacidade de descaracterizar o sujeito e mais profundamente o racismo tem a capacidade de desumanizar o sujeito.*

Hoje eu estudo não para me provar melhor que ninguém, tão pouco para me vingar dos maus olhados. Pelo contrário, escrevo, estudo e componho para fazer jus aos poucos flashes de luz que um dia me olharam, mas acima de tudo, para provar para meu menino que o *mundo é grande mesmo!* E que caibo nele. Sou tão gigante quanto, me faltavam somente as ferramentas e uma maneira própria de inventar o mundo.

## **POR QUE NEGROS ESTUDAM?**

A história da exploração da burguesia para a classe operária jamais poderá ser considerada uma história sem luta, omissa e sem revoltas. Ora as inúmeras revoltas, a organização internacionalista da luta de classes. Ora o embate ideológico difundido pela Cultura Afro-brasileira.

A luta pela emancipação do nosso povo só será plenamente capaz de se desenvolver, se convenceremos o nosso povo a ser liberto. Se dermos nas mãos de todos *nós* as ferramentas adequadas. Façamos nós por nossas mãos. Historicamente o racismo na figura do epistemicídio se difundiu internacionalmente como arma ideológica de dominação capitalista. Combateremos armas de poder ideológico com armas ainda mais potentes em sua incursão.

No Brasil, todos dias perdemos crianças e jovens negros que, a base de um projeto de dominação do sistema capitalista morrem vítimas do tráfico de drogas, subempregos, adoecimento mental e tantas outras formas de violência. Na minha perspectiva vivida:

Quando o projeto institucionalista, criado para que um corpo como o meu, uma mente como a minha e pessoas que se parecem comigo, tentou dar conta do sumiço do meu corpo foi o HIP HOP que ocupou esse lugar de resgate. Ele me salvou! O hip hop salvou a minha vida! Foi através dele que eu construí autoestima. Que eu resgatei minha intelectualidade, meu corpo, minhas habilidades. Aquilo que eu me fiz acreditar de que não sabia fazer como dançar, poetizar, pintar, eu descobri que sabia sim. Que podia. Que era meu. Os elementos estavam todos ali, gritando dentro de mim. O movimento estava vivo em mim. Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente (RACIONAIS MC's, 1997).

Por que estudar? O elemento conhecimento foi fio condutor da minha trajetória, foi ele quem permitiu que o projeto traçado para mim não tivesse nem chances de me matar. Fico pensando nas outras crianças, afinal hoje ocupo lugares onde muitas delas não tiveram a oportunidade. Os poucos de *nós* que chegaram até aqui vivos carregam consigo histórias lindas, a minha é Hip Hop, pois a partir do dia que ele botou uma caneta nas minhas mãos o mundo ganhou formas, cores e muitos novos significados. “É resgate, é escada, é a voz das quebrada. Ele é hey!, ele é how!, ele é free, ele é show. Libertou, me mostrou quem eu sou. O HIP HOP É FODA!” (RAEL, 2014).

Por fim, gostaria de evidenciar a necessidade de olharmos para a base. Utilizando do conto Ganês “Anansi, a aranha e o pote da sabedoria”, uma história infantil popular em Gana, como recurso vindouro deste trabalho. O conto diz o seguinte:

Antigamente, as pessoas sabiam muito pouco. Não sabiam nada sobre agricultura, ferramentas ou como tecer roupas. Nyame, o Deus do céu, possuía toda a sabedoria. Ele guardava toda a sabedoria em um pote de barro. Um dia, Nyame deu à aranha Ananse um presente especial: o pote, com toda a sabedoria nele contida. Ananse estava entusiasmado. Cada vez que olhava para o pote de barro, aprendia algo novo. Avidamente, decidiu manter o pote longe do mundo. Não queria compartilhar com mais ninguém. Amarrou uma corda na cintura para poder subir em uma árvore. Além disso, amarrou a corda ao redor do pote da sabedoria e o pendurou à sua frente. Começou a subir na árvore. Ananse tentou amarrar o pote de barro cheio de sabedoria às costas, e realmente foi muito mais fácil. Rapidamente, ele chegou ao topo da árvore. Mas então parou e pensou: "Eu deveria ser o dono de toda a sabedoria, e aqui está essa criança mais esperta do que eu!" Ananse ficou tão furioso com isso que jogou o pote de barro da árvore. Ele se espatifou no chão. É claro que toda a sabedoria escapou e voou para o mundo todo. Foi assim que as pessoas aprenderam a cultivar, a fazer roupas, a fabricar ferro e todas as outras coisas que as pessoas sabem fazer. (African Folktales, 2021)

O conto de Ananse nos ajuda a compreender que a sabedoria não deve ser vista como propriedade individual, mas como um bem comum a ser compartilhado.

Assim como nosso menino só deseja ser visto e ouvido, a narrativa nos mostra que o conhecimento adquire sentido pleno apenas quando circula coletivamente. Por vir da tradição africana, este conto também evidencia a importância de falar na linguagem das crianças como estratégia revolucionária de letramento. Ao traduzir conceitos complexos em histórias acessíveis, a arte-linguagem então permite que os saberes sejam apropriados desde cedo, favorecendo a formação crítica e criativa.

Mundialmente a cultura Hip Hop se coloca como recurso de letramento racial e social. Entendida a urgente necessidade de olharmos para a base, é nossa função criarmos crianças de olhos bem abertos e atentos. As transformaremos então em comunicadoras e agentes na luta de classes. Não nos enganemos as colocando na posição de fraqueza, temos de enxergar nas nossas crianças a ânsia pela transformação e razão para construção de um novo mundo.

É de nosso encargo falar na linguagem delas. Como já comprovado neste trabalho, as crianças já leem o mundo muito antes de serem inseridas no sistema de educação, assim como enxergam o mundo para além dele. É de praxe que nossa pedagogia as ensine a ler o mundo, a cidade e a vida. Na linguagem infantil? Pouco provável. Me refiro à linguagem do povo, isto é, a linguagem da rua. Pois só assim veremos coloridas novamente as nossas cidades.

## **CONCLUSÃO**

Este trabalho nasce do olhar de uma criança negra que cresceu à margem das instituições que deveriam acolher, ensinar e reconhecer sua humanidade. Ao longo da pesquisa, compreendi que o epistemicídio é parte de um projeto mais amplo de dominação — um capitalismo racial que organiza a educação básica como instrumento de silenciamento e deslegitimação dos saberes negros. Encontrei na linguagem do Hip Hop não apenas uma ferramenta de expressão, mas um caminho de resistência e de construção de conhecimento. Quando a escola

falhou comigo, foi a rua que me educou. Foi o rap, o grafite, a rima e o ritmo que me ensinaram a me ver como sujeito de história, capaz de criar, de pensar e de lutar.

Ao narrar essa trajetória, insisto na importância de preservar e valorizar a sensibilidade de quem vive a realidade na pele. O *olhar da criança* que fui me permite enxergar com nitidez as contradições da educação formal e as potências das pedagogias insurgentes que emergem nas periferias. O Hip Hop me mostrou que é possível aprender a ler o mundo com outras lentes, aquelas que vêm da vivência, da oralidade, da ancestralidade e do afeto. A partir disso, proponho uma nova forma de pensar o processo educativo: aquela que parte do corpo, da rua e da cultura popular como territórios legítimos de formação.

Finalizo este trabalho com a imagem do *menino José*, personagem que criei inspirado na sabedoria de Anansi. Ao trocar o pote de sabedoria por um pote de tinta, ele colore o mundo com as cores da infância preta que resiste e transforma. José sou eu, são muitas e muitos que, mesmo diante do abandono institucional, encontraram nas brechas da cidade uma maneira de existir com dignidade. Que esse pote de tinta continue passando de mão em mão, para que possamos redesenhar, juntos, um outro mundo possível, um mundo onde as crianças negras sejam reconhecidas não como ameaça, mas como potência.

Por isso, gostaria de celebrar este trabalho com a sugestão de material disposto na página seguinte – uma criação minha (Figura 1). Este material tem como objetivo comprovar que a arte-linguagem do Hip Hop, especialmente o grafite neste caso, é capaz de cumprir um papel pedagógico, estimulando reflexões como a leitura da própria cidade e a busca por novas histórias e identidades.

A personagem central, José, faz alusão à criança mencionada neste artigo, trazendo traços marcantes de uma criança negra. Ao fundo, estabelece-se um diálogo visual com a cidade e seus elementos, tendo no centro do trabalho a contação da história de Anansi do conto Ganês “A aranha e o pote da sabedoria”. As narrativas originais falam sobre um pote da sabedoria que, nesta leitura, foi substituído por um pote de tinta, simbolizando o ato de colorir de volta o mundo. Assim, a criança assume a função de colorir esse desenho como forma de repensar e refletir sobre o mundo, a cidade e si mesma. De forma simples e objetiva, este pequeno esboço demonstra como é possível criar ferramentas potentes para as práticas pedagógicas por meio da arte-linguagem marginal, comprovando que, ao falar na linguagem das crianças, abrimos caminho para imaginar e construir novos mundos.

Figura 1 – JOSÉ



Fonte: autoral (2025)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A VERDADE,. *Internacionalismo proletário versus geopolítica imperialista*, 19 jan. 2025. Disponível em: <https://averdade.org.br/2025/01/internacionalismo-proletario-versus-geopolitica-imperialista>. Acesso em: 22 jul. 2025.

ANANSE AND THE POT OF WISDOM. *African Folktales* [página na internet]. *Anike Foundation*. Disponível em: <https://anikefoundation.org/african-folktales/ananse-and-the-pot-of-wisdom>. Acesso em: 14 ago. 2025

BRITO, Benilda; NASCIMENTO, Valdecir (orgs.). *Negras (in)confidências: Bullying, não. Isto é racismo*. Belo Horizonte, MG: Mazza Edições, 2013

CARNEIRO, Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. In: . *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2005. p. 97-106

COLLINS, Patricia Hill. *Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment*. New York: Routledge, 1990.

EMICIDA. *Aos Olhos de uma Criança*. Participação: Drik Barbosa. Tema de *O Menino e o Mundo* (Alê Abreu). São Paulo: Laboratório Fantasma, 2013.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, n. 5, p. 7–41, 1995. Tradução de Mariza Corrêa.

MALCOLM X. *You can't have capitalism without racism*. Discurso ao Militant Labor Forum, Nova York, 29 maio 1964. In: BREITMAN, George (ed.). *Malcolm X Speaks: Selected Speeches and Statements*. Mineola, NY: Dover Publications, 1965.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.

MONGE 73. *Hip-hop: a luta através da arte e da cultura*. A Verdade, Rio de Janeiro, 07 ago. 2023. Disponível em: <https://averdade.org.br/2023/08/hip-hop-a-luta-atraves-da-arte-e-da-cultura/>. Acesso em: 29 jul. 2025.

MUNANGA, Kabengele. Educação e diversidade cultural. *Cadernos PENESB*, Niterói: EdUFF, n. 10, p. 37-54, 2010.

NASCIMENTO, Abdias do. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.